

.....

\*

DOI: <https://doi.org/10.34619/byjg-sodu>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5063-9502>

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (NOVA FCSH), Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA, 1069-061, Lisboa, Portugal.

[luis.hfmichel@gmail.com](mailto:luis.hfmichel@gmail.com)

Este artigo resulta de uma investigação de doutoramento em Estudos de Género financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) através da bolsa UI/BD/151394/2021, e desenvolvida no CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

# A experiência emocional do luto parental à luz do gênero

LUÍS HENRIQUE FUCK MICHEL\*

---

**Resumo:** O artigo investiga como o gênero estrutura a experiência emocional do luto parental, abordando emoções sentidas e trabalho emocional realizado por pais e mães enlutados. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 33 participantes no Brasil e em Portugal. A análise de conteúdo revelou que, embora muitas emoções sejam compartilhadas por pais e mães, os sentidos atribuídos e as formas de gestão variam de acordo com normas sociais relacionadas ao gênero, que criam padrões distintos em contextos específicos. O estudo revela a importância de uma abordagem do luto sensível ao gênero, atenta às assimetrias oriundas de processos sociais.

**Palavras-chave:** luto parental; gênero; emoções; trabalho emocional; normas sociais.

***The emotional experience of parental grief through the lens of gender.***

*This article investigates how gender structures the emotional experience of parental grief, addressing emotions felt and emotion work performed by bereaved mothers and fathers. Semi-structured interviews were conducted with 33 participants in Brazil and Portugal. Content analysis revealed that, although many emotions are shared by mothers and fathers, the meanings attributed to them and the ways they are managed vary according to social norms related to gender, which shape distinct*

*patterns in specific contexts. The study highlights the importance of a gender-sensitive approach to grief, attentive to social asymmetries.*

**Keywords:** *parental grief; gender; emotions; emotion work; social norms.*



## INTRODUÇÃO

A medicalização do luto, ao transformá-lo em objeto de intervenção especializada, tende a deslocar a dor da esfera simbólica e relacional para o campo clínico e individual. Sob esse paradigma, a experiência do enlutado é fragmentada em sintomas e tratada como disfunção a ser corrigida, eclipsando os sentidos culturais e sociais que a constituem. Essa tendência reflete um afastamento progressivo entre a medicina e as dimensões simbólicas da dor humana, dificultando a reintegração do luto à vida cotidiana dos sujeitos e esvaziando sua potência como ato pessoal e social de cura. Ao se consolidar como um problema de saúde individual, o luto passou a seguir trajetórias prescritas por teorias psicológicas clássicas (Bowlby & Parkes, 1970; Freud, 2010), normatizadas por manuais diagnósticos (APA, 2022; WHO, 2022) que regulam quais emoções são aceitáveis, quando devem surgir e por quanto tempo podem durar.

A partir dessa configuração, torna-se necessário investigar os elementos sociais silenciados por essa abordagem, entre os quais o gênero ocupa lugar central. Em especial, o luto parental – por se tratar de uma perda comum compartilhada por pessoas em posições de gênero diferentes – revela como essa estrutura social influencia, orienta e diferencia a experiência emocional do sofrimento. Partindo dessa premissa, a presente pesquisa propõe responder à pergunta: *como o gênero estrutura a experiência emocional de pais e mães enlutados?* Para isso, serão consideradas duas dimensões de análise inter-relacionadas – as emoções sentidas e o trabalho emocional –, com três objetivos específicos: identificar as emoções nomeadas por pais e mães, compreender os sentidos que lhes são atribuídos e analisar as motivações para o esforço de gestão emocional no luto.

## ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Adotar uma perspectiva de gênero é fundamental para compreender criticamente o luto como um fenômeno social e relacional, e não meramente psicológico. Seguindo Connell (2009), entendemos o gênero como elemento estruturante das relações sociais, sustentado por práticas que distinguem corpos com base em funções reprodutivas. Já Risman (2004) propõe que o gênero opera em três níveis simultâneos – individual, interacional e institucional –, afetando identidades, expectativas e acesso a recursos. A articulação entre esses níveis estabelece normas que orientam os comportamentos considerados adequados para homens e mulheres, inclusive no que diz respeito à expressão de emoções.

As normas de gênero são assimiladas por meio de processos de socialização que atravessam toda a vida, operando através de instituições como a família, a escola e os meios de comunicação. Nas sociedades ocidentais, a estrutura de gênero influencia fortemente os papéis sociais (como o de pai e o de mãe), orientando padrões emocionais específicos para cada um (Shields, 1995). Por meio da socialização emocional, valores morais são incorporados à gestão das emoções, delimitando aquilo que se pode ou se deve sentir em diferentes contextos (Cerejo, 2014).

No entanto, o gênero não é uma essência estática, mas um processo performativo, constituído na e pela repetição de atos sociais (Butler, 2006). Os corpos, portanto, não são neutros: eles incorporam convenções históricas e reproduzem – ou resistem a – normas sociais nas interações quotidianas (Butler, 1988; Connell, 2009). Dessa forma, o gênero é vivido de maneira concreta, por corpos afetivos e situados, que performam emocionalmente seus papéis em contextos específicos, inclusive no luto.

As emoções, por sua vez, não são expressões naturais de uma essência interna, mas construções simbólicas mediadas pela cultura (Le Breton, 2019; Lutz, 1998). Por isso, constituem-se como categoria analítica privilegiada para o estudo das relações sociais, uma vez que revelam tanto estruturas normativas quanto práticas de resistência (Coelho & Durão, 2017; VÍctora & Coelho, 2019). Identificar quais emoções são mencionadas por pais e mães é o primeiro passo para apreender a influência do gênero sobre a experiência emocional. A escolha das palavras, a centralidade de determinadas emoções nas narrativas e a forma como são enquadradas são

alguns indicadores utilizados a partir de uma abordagem contextualista das emoções (Lutz, 1998) para revelar padrões simbólicos e afetivos marcados por expectativas de gênero. Compreender os sentidos atribuídos a essas emoções permite acessar dimensões subjetivas mais profundas, como a autopercepção dos papéis parentais e o impacto da perda sobre identidades construídas socialmente.

A análise do trabalho emocional – entendido como o esforço consciente para adequar as emoções às normas sociais (Hochschild, 2003) – torna visível a dimensão normativa da experiência de luto. No contexto parental, esse esforço se intensifica diante da sensação de inadequação provocada pela ausência ou presença de emoções julgadas inapropriadas, conforme o gênero e os papéis sociais ocupados. Ao investigar as motivações para esse trabalho, buscamos compreender como se articulam agência e norma, revelando tanto padrões quanto desvios em relação às expectativas de gênero.

## OPÇÕES METODOLÓGICAS

O presente artigo decorre da pesquisa realizada pelo autor durante seu doutoramento, cujos resultados finais são aqui apresentados. Nela, utilizou-se uma abordagem qualitativa, adotada para aprofundar a compreensão da experiência emocional do luto parental, valorizando a expressividade e a riqueza dos relatos. O estudo desenvolveu-se em nível microssocial, com enlutados de Portugal e do Brasil, com perdas ocorridas entre dez meses e 28 anos atrás. Foram entrevistados 33 participantes – 21 mães e 12 pais –, sendo que, no grupo português, participaram 9 mães e 4 pais, e no grupo brasileiro, 12 mães e 8 pais. A opção por ter dois campos de análise visou ampliar a diversidade de relatos, privilegiando contextos culturais com os quais o pesquisador estivesse familiarizado, condição necessária para apreender os sentidos atribuídos às experiências narradas. Apesar disso, não foi realizada uma análise comparativa sistemática entre os dois países.

A recolha de dados efetuou-se através de entrevistas semiestruturadas individuais, conduzidas com base num guião elaborado a partir dos objetivos da investigação e das dimensões de análise propostas, nomeadamente, as emoções sentidas e o trabalho emocional. Testado previamente em entrevistas-piloto, o guião abordou temas como a caracterização sociocultural,

a dinâmica familiar e as dimensões individual, interacional e institucional do gênero, bem como as emoções vividas e o trabalho emocional no contexto do luto, permitindo que os participantes expressassem livremente as suas experiências.

A seleção dos participantes deu-se por meio de amostragem por conveniência, contando especialmente com a intermediação de coordenadoras de grupos de entreatajuda para pessoas enlutadas. O processo de recrutamento iniciou-se com a participação do investigador em sessões de entreatajuda, onde atuou como observador não participante. Esse contato inicial foi fundamental para estabelecer uma relação de confiança, que posteriormente facilitou o recrutamento dos enlutados por telefone ou e-mail.

As entrevistas realizaram-se presencialmente, em datas e locais previamente combinados com cada participante, garantindo um ambiente de conforto e confidencialidade. Cada encontro iniciou-se com o esclarecimento dos propósitos do estudo e a assinatura do Consentimento Informado, Esclarecido e Livre, tendo os relatos sido gravados em áudio para assegurar a integridade dos dados. As entrevistas duraram entre 1h17 e 3h09, com uma média aproximada de 1h50.

Após a fase de recolha de dados, as entrevistas foram transcritas na sua totalidade e os dados organizados com o auxílio do software MAXQDA. A análise de conteúdo foi orientada por um paradigma compreensivo, tendo início com uma leitura indutiva que permitiu identificar as temáticas e problemáticas emergentes, seguida da classificação dos dados mediante análise categorial (Guerra, 2006). Finalmente, os saberes extraídos dos relatos foram confrontados com os referenciais teóricos da literatura, culminando na elaboração de um modelo teórico que clarifica os sentidos subjacentes à experiência do luto parental.

Importa ainda destacar que o projeto foi submetido e aprovado pelos comités de ética dos dois países onde a investigação foi conduzida. No Brasil, a aprovação foi concedida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob o parecer n.º 5.683.105 (CAEE n.º 59555222.7.0000.0214), em conformidade com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde; e, em Portugal, a investigação obteve a anuência da Divisão de Apoio à Investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), conforme o parecer n.º 08/CE\_NOVAFCSH/2022, cumprindo as diretrizes do Código de Ética da Universidade e o Despacho n.º 15464/2014.

## APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

### 1. Emoções sentidas

Os dados referentes às emoções sentidas por pais e mães ao longo do luto evidenciam tanto semelhanças gerais quanto diferenças específicas entre os gêneros. A identificação das emoções experienciadas revelou que ambos os grupos relataram, de forma espontânea, as mesmas emoções. A única exceção foi a sensação de perda de um pedaço de si mesma (amputação). Esta evidência aponta para o fato de que a maior parte das emoções sentidas no luto parental é partilhada por homens e mulheres, nomeadamente: dor, solidão, sensação de que a vida acabou, preocupação com o/a filho/a (após a morte), raiva, saudade, tristeza, desejo de explicação, consolação, desânimo, vazio, choque, vontade de morrer, alegria, procura pelo/a filho/a, perda do futuro, cansaço, culpa, negação, esperança na vida após a morte, descrença em Deus, embotamento afetivo, medo, sensação de não ser a mesma pessoa (depois da perda), impotência e sensação de presença do/a filho/a. Para além dessas semelhanças, abordaremos na sequência as emoções genderizadas no contexto do luto, demonstrando como as distinções entre os gêneros se manifestam e qual a influência da estrutura de gênero nesse processo. Simultaneamente, destacaremos como o próprio contexto do luto pode contribuir para reduzir essas diferenças, rompendo com estereótipos de gênero associados às experiências emocionais.

#### 1.1. Pedaço de mim: emoções associadas à identidade feminina.

Entre as emoções relatadas, algumas destacaram-se por remeterem diretamente à dimensão identitária da perda, como é o caso da “sensação de perda de um pedaço de si mesma” ou “amputação” (presentes em 33,33% das mães e ausentes nos relatos dos pais). Essas experiências emocionais apontam para o modo particular como a perda filial afetou a identidade das mães entrevistadas: “É um pedaço de você. É uma parte do teu corpo. É uma mudança de cabeça. De hábito. É uma mudança em você” (E15, 61, mãe brasileira). “Eu acho que ficamos amputadas” (E7, 58, mãe portuguesa).

Além disso, a “sensação de não ser a mesma pessoa” (42,85% das mães *versus* 8,33% dos pais) e a “sensação de perda do futuro” (23,8% das mães *versus* 8,33% dos pais) reforçam essa percepção de que, para muitas mulheres, o luto parental implicou uma espécie de desfiguração subjetiva e

um estreitamento das possibilidades existenciais. Estes dados sugerem que, na experiência das mães, a maternidade ocupa um lugar central na constituição do eu, ao passo que, no discurso dos pais, essa dimensão apareceu com menor intensidade. Segundo Doka e Martin (2010), essa diferença pode estar relacionada ao maior investimento das mulheres nos papéis familiares, o que confere à perda múltiplos impactos, inclusive na identidade.

Importa, contudo, situar essa centralidade da maternidade no contexto mais amplo das normas sociais de gênero. Tal como argumenta Butler (2006), a identidade de gênero não preexiste às suas expressões, mas constitui-se performativamente através delas. Assim, concordando com autoras como Badinter (1985) e Beauvoir (1967), é possível afirmar que não existe uma essência feminina que torne a maternidade naturalmente central para as mulheres – essa centralidade é, antes, resultado da forma como o gênero é socialmente estruturado.

### **1.2. Diferenças atenuadas: a raiva e a tristeza no luto parental.**

A literatura sobre emoções marcadas pelo gênero aponta frequentemente a raiva e a tristeza como sentimentos experienciados e expressos de forma diferenciada por homens e mulheres, em função de papéis sociais distintos e assimetrias de poder (Brody, 1999, 2000; Shields, 2000). No entanto, no contexto do luto parental, os dados desta investigação revelam uma aproximação entre os gêneros no que diz respeito à vivência dessas emoções. A raiva foi mencionada por 61,9% das mães e 58,33% dos pais, enquanto a tristeza foi referida por todos os pais e por 95,23% das mães. Estes resultados sugerem uma atenuação das diferenças de gênero na experiência emocional, especialmente na fase inicial do luto.

A opção metodológica de abordar a experiência das emoções, em vez da sua expressão, pode ter favorecido essa aproximação. Como salientam Brody (1999) e Lutz (1998), as normas sociais que regulam a expressão emocional variam segundo o gênero. Porém, sentir uma emoção não implica necessariamente expressá-la. A perda de um/a filho/a parece instaurar uma suspensão temporária dessas normas, tornando socialmente legítimo que tanto pais como mães relatem emoções como a raiva e a tristeza. No caso das mães, mesmo uma emoção geralmente desvalorizada no feminino, como a raiva, foi assumida como legítima, associada ao desejo de justiça ou à revolta diante de Deus – uma resposta moralmente compreendida face à

magnitude da perda. Já a tristeza, valorizada enquanto reação moralmente adequada à perda, parece igualmente libertar-se, neste contexto, das habituais distinções de gênero, possibilitando uma maior convergência entre os relatos de homens e mulheres.

**1.3. Quando não há mais nada a fazer: a inversão de estereótipos emocionais.** No contexto do luto parental, foi possível observar uma inversão de estereótipos emocionais tradicionalmente associados ao gênero, particularmente no que se refere às emoções de impotência e culpa. A literatura indica que a impotência, entendida como a sensação de ausência de controle e de inutilidade das próprias ações (Rubinstein, 2004; Shields, 2000), tende a ser mais comum entre mulheres. Isso deve-se, em parte, à atribuição histórica do papel de cuidadoras às mulheres, que as coloca numa posição de constante responsabilidade sem a garantia de poder prevenir danos aos filhos (Brody, 1999). A vivência reiterada de desigualdades no casamento, no mercado de trabalho ou no exercício da maternidade contribui igualmente para essa maior exposição à impotência (Rubinstein, 2004). Homens, por sua vez, são geralmente socializados para manter o controle das situações e evitar emoções que contrariem esse ideal, como a impotência (Shields, 2000). No entanto, a morte de um filho, por sua irreversibilidade, revelou-se uma experiência-limite, capaz de suspender esse modelo de controle. Foi nesse cenário que a impotência apareceu com maior frequência nos relatos dos pais (66,66% dos pais e 28,57% das mães), subvertendo o estereótipo ligado a essa emoção.

A culpa, da mesma forma, é amplamente identificada na literatura como uma emoção genderizada, com forte associação à maternidade e às expectativas sociais de cuidado total e incondicional (Else-Quest *et al.*, 2012; Sutherland, 2010). As mães tendem a relatar mais culpa em situações de conflito entre a vida profissional e familiar, especialmente quando percebem um impacto negativo sobre os filhos (Borelli *et al.*, 2017). Apesar disso, no presente estudo, a culpa foi mais recorrente entre os pais (50% dos pais e 33,33% das mães). Tal achado pode estar relacionado ao surgimento de sentimentos de falha na proteção dos filhos ou à autoavaliação crítica quanto à paternidade exercida antes da perda. Em muitos casos, os pais relataram arrependimento por não terem estado mais presentes, o que pode refletir as transformações recentes nas representações sociais da paternidade

(Santos *et al.*, 2022). A experiência do luto parece, assim, colocar os homens diante de exigências emocionais pouco habituais, expondo-os a emoções que tradicionalmente não lhes são atribuídas. O maior destaque dado por eles à culpa e à impotência sugere que, quando “não há mais nada a fazer”, as fronteiras dos papéis de gênero tornam-se mais permeáveis, revelando como as emoções são moldadas – e também desafiadas – pelas estruturas de gênero em que emergem (Shields, 2013).

#### **1.4. Entre a negação e o ceticismo: a confirmação de estereótipos.**

Embora os estereótipos de gênero possam ser atenuados ou mesmo subvertidos no contexto do luto parental, os dados desta investigação indicam que certas representações emocionais tradicionais, como a associação entre negação e descrença em Deus e o gênero masculino, tendem a ser confirmadas. Tais emoções foram mais frequentemente relatadas pelos pais entrevistados, em consonância com os padrões de luto descritos por Doka e Martin (2010), que identificam um estilo de luto instrumental, mais comum entre homens, baseado na moderação dos afectos e no foco cognitivo e prático. Já o estilo intuitivo, mais frequentemente associado às mulheres, caracteriza-se pela vivência intensa das emoções e maior facilidade de expressão. Apesar de esses estilos não serem determinados biologicamente, os autores destacam o papel da socialização na aprendizagem destas estratégias, o que se confirmou nos dados aqui analisados, especialmente na ênfase masculina na negação e no ceticismo religioso.

A negação, vivida como uma reação imediata à perda, foi mencionada por 41,66% dos pais e 23,8% das mães. Essa discrepância tem sido observada noutras investigações sobre o luto parental (Bohannon, 1990; Stinson *et al.*, 1992) e parece refletir expectativas de gênero que exigem dos homens uma postura de contenção emocional e resolução prática. Alguns pais relataram que a negação lhes permitiu manter-se em “piloto automático”, focados nas obrigações burocráticas associadas ao funeral, o que pode ser interpretado como uma tentativa de corresponder ao papel socialmente atribuído ao homem de proteger a família em momentos críticos (Brody, 1999). A função autoprotetora da negação, nesse sentido, acaba por servir à manutenção de normas de gênero que valorizam o distanciamento emocional entre homens (Cerejo, 2014). De forma semelhante, a descrença em Deus, relatada por 25% dos pais e apenas 4,76% das mães, também pode ser compreendida

à luz das normas sociais que incentivam os homens a adotarem atitudes menos afetivas (Shields, 2000), levando a um modo de processamento mais cognitivo do luto (Doka & Martin, 2010).

**1.5. Emoções iguais, estímulos diferentes: o gênero como modulador da experiência emocional.** As emoções experienciadas durante o luto parental são atravessadas por marcadores de gênero que influenciam não só a forma como são sentidas, mas também os estímulos que as evocam. Medo, culpa e solidão foram mencionados tanto por pais quanto por mães enlutados, mas o modo como foram mobilizados revela a importância das relações de gênero na estruturação da experiência emocional. A análise qualitativa dos relatos indica que, embora algumas emoções sejam compartilhadas, os significados atribuídos a elas e os contextos em que emergem variam significativamente de acordo com o gênero.

No caso do medo (mencionado por 71,42% das mães e 50% dos pais), os participantes relataram, de forma recorrente, o receio de perder outros filhos ou familiares. No entanto, outros tipos de medo apresentaram sentidos específicos conforme o gênero. Entre os homens, destacou-se o medo de perder o controle sobre as emoções em público – uma preocupação que remete à norma social que valoriza o autocontrole e desencoraja manifestações públicas de vulnerabilidade entre os homens (Brody, 1999, 2000; Shields, 2000). Já entre as mulheres, os medos referiram-se à ausência de apoio emocional durante crises de choro, ao temor de não reencontrar os filhos após a morte e à ansiedade relacionada à educação dos filhos vivos. Estes medos relacionam-se ao papel socialmente atribuído às mulheres como cuidadoras e figuras de suporte emocional (Zanello *et al.*, 2022).

Também a culpa, embora presente entre pais e mães enlutados (50% dos pais e 33,33% das mães), emerge a partir de estímulos distintos conforme o gênero. No caso dos homens, a culpa esteve associada à percepção de uma baixa participação no cuidado dos filhos, frequentemente relacionada a um processo de socialização que historicamente atribuiu às mulheres a responsabilidade quase exclusiva pelo cuidado familiar. Essa autocrítica torna-se possível apenas num contexto em que transformações sociais, desde a década de 1970, passaram a exigir um maior envolvimento dos pais nas tarefas de cuidado (Bernardi, 2017). Entre as mulheres, por sua vez, a culpa surgiu ligada às exigências sociais em torno da maternidade e ao ideal

de uma educação moralmente irrepreensível. Uma das participantes, por exemplo, expressou arrependimento por ter sido muito rígida com as filhas, no intuito de prepará-las para “serem boas mulheres” – expressão que revela o peso das normas de gênero na construção de expectativas sobre o papel feminino (Badinter, 1985; Sutherland, 2010; Zanello, 2018).

Por fim, a solidão mostrou-se igualmente presente entre pais (25%) e mães (23,8%), mas com manifestações qualitativamente distintas. Os homens relataram sentir-se solitários sobretudo no ambiente de trabalho, onde a ausência de familiares ou de espaços de escuta os tornava mais vulneráveis emocionalmente. As mulheres, por outro lado, associaram a solidão a momentos em que estavam sozinhas em casa, em contato com memórias e objetos que remetiam à convivência cotidiana com os filhos falecidos. Esse sentimento foi ainda intensificado em situações de afastamento (morte de outros entes queridos, migração de filhos ou companheiros para outras localidades). Além disso, muitas mães relataram sentir-se sozinhas diante dos desafios da vida cotidiana, como a criação dos filhos vivos, evidenciando o impacto da divisão sexual do trabalho e das desigualdades de gênero no modo como a solidão é experienciada.

## **2. Trabalho emocional**

A experiência emocional pode ser abordada por diferentes perspectivas, sendo uma delas a investigação da forma como essas emoções são geridas, com ênfase na expressividade. Optamos por analisar esse processo a partir das motivações que levam ao trabalho emocional, o que permite revelar as normas sociais que orientam a regulação das emoções e as relações de poder que articulam indivíduo e sociedade. Nesse movimento, observamos que a gestão do luto segue certos padrões marcados pelo gênero. A seguir, mostramos empiricamente que tais padrões não decorrem de uma essência ou natureza inata, mas se ancoram em preceitos morais fortemente vinculados ao gênero.

**2.1. Ser mãe enlutada: um alicerce de cuidado para a família.** A análise das motivações para o trabalho emocional entre mães enlutadas revelou que a maior parte do esforço dedicado à gestão das emoções se fundamenta na percepção de uma responsabilidade social de serem “alicerces” para as suas famílias. De forma espontânea, 38,09% das entrevistadas utilizaram termos como “alicerce”, “base” ou “estrutura” para descrever o seu papel

vital na preservação da união familiar, no apoio emocional aos membros do lar e na satisfação das necessidades práticas do quotidiano. Essa noção de alicerce correlacionou-se diretamente com outras razões apontadas para o trabalho emocional, como o cuidado da família (33,33% ante 16,66% dos pais), dos filhos (38,09% ante 25% dos pais) e do companheiro (23,8% ante 16,66% dos pais).

As motivações maternas para o trabalho emocional revelam uma articulação complexa entre normas sociais e diferentes orientações morais. Por um lado, observa-se uma valorização social do autocontrolo e da racionalidade como formas adequadas de enfrentar a dor. Por outro, destaca-se a presença de uma ética de cuidado, que orienta o comportamento materno pela atenção às necessidades do outro e pela sensibilidade às particularidades do sofrimento vivido em família. Nesse contexto, o esforço das mães para controlar ou suprimir as próprias emoções pode ser interpretado como um gesto de proteção e responsabilidade perante os que permanecem. Gilligan (2003) foi uma das primeiras autoras a relacionarem gênero feminino e ética do cuidado, argumentando que as mulheres tendem a tomar decisões morais baseadas na empatia, na conexão e na responsabilidade relacional. No entanto, essa associação foi criticada por Tronto (1997), que chama a atenção para o risco de se essencializar essa ligação, desconsiderando o papel estruturante das normas e instituições sociais na atribuição do cuidado às mulheres.

A construção social da maternidade reforça essa intersecção entre gênero e moralidade. Desde o século XVIII, discursos religiosos, morais e médicos idealizaram a maternidade como vocação sagrada e indispensável, atribuindo à mulher a responsabilidade absoluta pelo cuidado do lar e dos filhos (Badinter, 1985; Zanello, 2018). Essa historicização criou um imperativo moral que influencia profundamente as identidades femininas, fazendo com que o autocontrolo e a supressão emocional se traduzam em gestos de cuidado, tal como ocorre quando uma mãe oculta a sua tristeza para poupar os familiares de mais sofrimento.

A naturalização da responsabilização materna no contexto do luto parental evidencia desigualdades de gênero e se reflete em sobrecarga emocional, com algumas mães entrevistadas alegando não terem tido o direito de chorar pelos filhos falecidos devido ao abatimento dos maridos, tendo de sustentar o lar e criar outros filhos durante o luto sem apoio conjugal. Tais assimetrias, presentes em nossos dados empíricos, revelam o aspecto

político inerente a essa experiência. Ao mesmo tempo, essa postura de sacrifício voluntarioso também foi socialmente reconhecida, conferindo às mães um estatuto de força e resiliência.

Embora o padrão de “ser alicerce” tenha predominado entre as participantes, ele não representa a totalidade das experiências maternas relatadas. A análise sugere que variáveis como a idade das mães, o momento de vida em que se encontravam e a configuração familiar influenciaram diferentes formas de gerir o sofrimento. Ainda assim, foi no âmbito familiar que o trabalho emocional e de cuidado se manifestou de maneira mais recorrente e significativa.

## **2.2. Ser pai enlutado: ser o mais forte e cumprir com seus deveres.**

Alguns padrões emergem nas motivações para o trabalho emocional entre pais enlutados, apontando para a assunção de responsabilidades sociais ligadas aos rituais funerários (25% dos pais), às atividades profissionais (33,33% dos pais *versus* 14,28% das mães) e à preservação da autoimagem masculina (25% dos entrevistados). Estas motivações interligam-se, de forma mais ou menos consciente, a valores e expectativas de gênero: tanto as tarefas assumidas como o controle das emoções durante o seu desempenho alinham-se com estereótipos masculinos. Neste sentido, o luto paterno configura-se também como um “teste de masculinidade”, em que o trabalho emocional desempenha o papel de expressão desse fenômeno.

No contexto dos rituais fúnebres, observou-se uma tendência dos pais para assumirem tarefas burocráticas e práticas, como o reconhecimento do corpo e a contratação de serviços funerários, enquanto as mães se envolviam mais nos aspectos simbólicos da despedida. Tal divisão parece refletir a construção social do papel paterno como protetor (Brody, 1999), numa tentativa de poupar os demais familiares a essas tarefas num momento de intenso sofrimento. As normas de gênero que incentivam o controle e a supressão de vulnerabilidade reforçam esta postura (Cerejo, 2014), levando muitos homens a esforçarem-se por manter uma atitude firme e centrada nos aspectos práticos do funeral, apesar da intensa dor emocional, como forma de honrar os filhos e evitar contratemplos. A dedicação aos aspectos práticos do funeral torna-se, assim, uma forma de cumprir o papel esperado de um pai.

Os pais referiram-se com maior frequência ao trabalho emocional realizado no âmbito profissional, o que pode dever-se às normas tradicionais

de masculinidade e à divisão sexual do trabalho que atribuem ao homem o papel de provedor principal (Santos *et al.*, 2022). A associação ocidental entre emoção e irracionalidade (Lutz, 1998) reforça a ideia de que demonstrar tristeza compromete a eficácia, levando-os a suprimir sinais de sofrimento e a vigiar cuidadosamente a sua imagem perante colegas e superiores, num esforço que se torna particularmente extenuante.

Nos relatos dos pais entrevistados, a preservação da masculinidade se mostrou um dos principais motores da gestão emocional durante o luto. Entre eles, havia a preocupação de se mostrarem “mais fortes que as esposas”, um reflexo claro de como a masculinidade é construída em oposição à feminilidade. Essa oposição está diretamente ligada à norma social que associa a vulnerabilidade, especialmente a expressão de tristeza, ao feminino, colocando a demonstração pública de emoções como um sinal de fragilidade, algo a ser evitado pelos homens (Connell, 2005). Ao evitar demonstrar tristeza, esses homens reafirmavam, ainda que de forma dolorosa, a fronteira simbólica entre o que é ser homem e o que é ser mulher – sendo estas associadas, na visão dicotômica que ancora o ideário da masculinidade hegemônica, à emotividade, fragilidade e descontrole (Beasley, 2005; Lutz, 1990).

## CONCLUSÕES

A presente investigação teve como objetivo compreender de que forma o gênero estrutura a experiência emocional do luto parental, analisando, para isso, as emoções sentidas e o trabalho emocional realizado por pais e mães enlutados. Os dados obtidos através de entrevistas semiestruturadas revelaram que, embora exista uma partilha significativa das emoções entre os gêneros – com pais e mães nomeando sensações semelhantes ao longo do luto –, os sentidos atribuídos a essas emoções e as motivações para sua gestão demonstraram profundas imbricações com as normas sociais de gênero.

Entre as emoções mencionadas, destacou-se a sensação de “perda de um pedaço de si”, exclusiva das mães entrevistadas, apontando para a centralidade da maternidade na construção da identidade feminina. Por outro lado, a análise demonstrou que emoções como a culpa e a impotência, tradicionalmente associadas ao feminino, foram evocadas com maior

frequência pelos pais, revelando uma inversão de estereótipos em contextos de intensa vulnerabilidade. Tais achados indicam que, embora o gênero module a experiência emocional, ele também pode ser tensionado e reconfigurado pelo contexto do luto.

No que se refere ao trabalho emocional, identificou-se que a sua realização é atravessada por motivações marcadas pelo gênero: as mães buscaram ser alicerces para as suas famílias, orientadas por uma ética de cuidado; já os pais esforçaram-se por preservar a identidade masculina, evitando manifestações de fragilidade. Em ambos os casos, a gestão emocional aparece fortemente regulada por preceitos morais ligados ao gênero, muitas vezes em detrimento do bem-estar emocional dos próprios enlutados.

Entre as principais contribuições do estudo, destacam-se o aprofundamento empírico da articulação entre emoções, trabalho emocional e gênero no luto parental, bem como a problematização das leituras essencialistas sobre as diferenças entre homens e mulheres em sofrimento. Embora não tenha sido realizada uma análise comparativa sistemática entre Brasil e Portugal, a análise empírica indicou que as normas de gênero se sobrepujaram às eventuais diferenças culturais na estruturação da experiência emocional.

A predominância de mães refletiu as dificuldades recorrentes para recrutar homens em estudos sobre luto, devido a fatores como menor flexibilidade de horário, desconforto em expressar emoções e tendência a estratégias evitativas, que dificultam a participação em entrevistas emocionalmente intensas (Albuquerque *et al.*, 2018). A amplitude temporal em relação ao falecimento dos filhos permitiu captar diferentes momentos da experiência emocional, embora também tenha dificultado comparações, visto que emoções e modos de gestão se transformam no decorrer do luto.

Por fim, cabe considerar a natureza homogênea da amostra, composta sobretudo por casais heterossexuais, cisgênero e de faixa etária avançada, o que limitou a diversidade de experiências analisadas. Do mesmo modo, não foram contempladas variáveis interseccionais, cuja inclusão poderá enriquecer estudos futuros. Sugerimos, portanto, que pesquisas posteriores ampliem a pluralidade de participantes, contemplando diferentes arranjos familiares e identidades de gênero, além de outras cosmologias e tradições culturais, de forma a contribuir para uma compreensão mais plural e interseccional do luto parental.

## REFERÊNCIAS

- Albuquerque, S., Ferreira, L. C., Narciso, I., & Pereira, M. (2018). Interactive processes in grief and couples' adjustment after the death of a child. *Journal of Family Issues*, 39(18), 4379-4398. <https://doi.org/10.1177/0192513X18820385>
- American Psychiatric Association [APA]. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5-TR*. American Psychiatric Association.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno* [A love conquered: the myth of maternal love]. Nova Fronteira.
- Beasley, C. (2005). *Gender and sexuality: critical theories, critical thinkers*. SAGE Publications.
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo – a experiência vivida* [The second sex – the lived experience]. Difusão Europeia do Livro.
- Bernardi, D. (2017). Paternidade e cuidado: “novos conceitos”, velhos discursos [Parenthood and care: “new concepts”, old discourses]. *Psicologia Revista*, 26(1), 59-80. <https://doi.org/10.23925/2594-3871.2017v26i1p.59-80>
- Bohannon, J. R. (1990). Grief responses of spouses following the death of a child: A longitudinal study. *Omega*, 22(2), 109-121. <https://doi.org/10.2190/QCX3-36WQ-KJTQ-3N1V>
- Borelli, J. L., Nelson, S. K., River, L. M., Birken, S. A., & Moss-Racusin, C. (2017). Gender differences in work-family guilt in parents of young children. *Sex Roles*, 76(5-6), 356-368. <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0579-0>
- Bowlby, J., & Parkes, C. (1970). Separation and loss within the family. In E. Anthony (Ed.), *The child in his family* (pp. 197-216). John Wiley & Sons.
- Brody, L. (1999). *Gender, emotion, and the family*. Harvard University Press.
- Brody, L. R. (2000). The socialization of gender differences in emotional expression: display rules, infant temperament, and differentiation. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: social psychological perspectives* (pp. 24-47). Cambridge University Press.
- Butler, J. (1988). Performative acts and gender constitution: an essay in phenomenology and feminist theory. *Theatre Journal*, 40(4), 519-531. <https://doi.org/10.2307/3207893>
- Butler, J. (2006). *Gender trouble – feminism and the subversion of identity*. Routledge.
- Cerejo, S. D. (2014). *Viver sobrevivendo: emoções e dinâmicas socioculturais nos processos de manutenção das relações conjugais violentas* [Living surviving: emotions and sociocultural dynamics in the processes of maintaining violent marital relationships] [Tese de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa]. RUN. <https://run.unl.pt/handle/10362/14101?locale=en>

- Coelho, M. C. P., & Durão, S. S. B. (2017). Introdução ou como fazer coisas com emoções [Introduction or how to do things with emotions]. *Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 19(1). <https://doi.org/10.12957/irei.2017.30337>
- Connell, R. W. (2005). *Masculinities*. University of California Press.
- Connell, R. W. (2009). *Gender in world perspective*. Polity Press.
- Doka, K. J., & Martin, T. L. (2010). *Grieving beyond gender: understanding the ways men and women mourn*. Routledge.
- Else-Quest, N. M., Higgins, A., Allison, C., & Morton, L. C. (2012). Gender differences in self-conscious emotional experience: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 138(5), 947-981. <https://doi.org/10.1037/a0027930>
- Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. *Obras completas Vol. 12* [Introduction to Narcissism, Essays on Metapsychology and Other Texts (1914-1916). Complete works Vol. 12]. Companhia das Letras.
- Gilligan, C. (2003). *In a different voice: psychological theory and women's development*. Harvard University Press.
- Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso* [Qualitative research and content analysis – meanings and forms of use]. Príncipia.
- Hochschild, A. R. (2003). *The commercialization of intimate life: notes from home and work*. University of California Press.
- Le Breton, D. (2019). *Antropologia das emoções* [Anthropology of emotions]. Vozes.
- Lutz, C. (1990). Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American discourse. In C. A. Lutz & L. Abu-Lughod (Eds.), *Language and the politics of emotion* (pp. 69-91). Cambridge University Press.
- Lutz, C. A. (1998). *Unnatural emotions: everyday sentiments on a micronesia atoll e their challenge to western theory*. The University of Chicago Press.
- Risman, B. J. (2004). Gender as a social structure: theory wrestling with activism. *Gender and Society*, 18(4), 429-450. <https://doi.org/10.1177/0891243204265349>
- Rubinstein, G. (2004). Locus of control and helplessness: gender differences among bereaved parents. *Death Studies*, 28(3), 211-223. <https://doi.org/10.1080/07481180490276553>
- Santos, P. A., Mota, C. P., Mouta, R. J. O., Silva, J. L. L., Araújo, J. S., & Santos, D. A. (2022). A paternidade na contemporaneidade: uma revisão integrativa [Fatherhood in contemporary times: an integrative review]. *Research, Society and Development*, 11(3), 1-7. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26824>
- Shields, S. A. (1995). The role of emotion beliefs and values in gender development. In N. Eisenberg (Ed.), *Review of personality and social psychology*, Vol. 15 (pp. 212-232). Sage.

- Shields, S. A. (2000). Thinking about gender, thinking about theory: gender and emotional experience. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and emotion: social psychological perspectives* (pp. 3-23). Cambridge University Press.
- Shields, S. A. (2013). Gender and emotion: what we think we know, what we need to know, and why it matters. *Psychology of Women Quarterly*, 37(4), 423-435. <https://doi.org/10.1177/0361684313502312>
- Stinson, K. M., Lasker, J. N., Lohmann, J., & Toedter, L. J. (1992). Parents' grief following pregnancy loss: a comparison of mothers and fathers. *Family Relations*, 41(2), 218-223.
- Sutherland, J. (2010). Mothering, guilt and shame. *Sociology Compass*, 4(5), 310-321. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9020.2010.00283.x>
- Tronto, J. C. (1997). Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso? [Women and care: what can feminists learn about morality from this?] In A. M. Jaggar & S. R. Bordo (Eds.), *Gênero, corpo, conhecimento* (pp. 186-203). Rosa dos Tempos.
- Víctora, C., & Coelho, M. C. (2019). A antropologia das emoções: conceitos e perspectivas teóricas em revisão [The anthropology of emotions: concepts and theoretical perspectives in review]. *Horizontes Antropológicos*, 25(54), 7-21. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000200001>
- World Health Organization [WHO]. (2022, February). *ICD-11 for mortality and morbidity statistics*. <https://icd.who.int/browse11/l-m/en>
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação* [Mental health, gender, and devices: culture and processes of subjectivation]. Appris.
- Zanello, V., Antloga, C., Pfeiffer-Flores, E., & Richwin, I. F. (2022). Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta [Motherhood and care during the pandemic among middle and upper-middle-class Brazilian women]. *Revista Estudos Feministas*, 30(2). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>

Data de submissão/ Submission date: 13/05/2025

Data de aprovação/ Approval date: 04/09/2025

Esta revista tem uma licença Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) / This journal is licensed under a Creative Commons – Attribution – Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0) license